

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**Silvéria Anjos**

registada em 2009-02-10  
por

Cláudia Simões e Carla Aguiar



## Silvéria Anjos

Silvéria dos Anjos Nunes nasceu nos Parrozelos, a 23 de Agosto de 1945. Foi a décima segunda filha de Abílio Nunes e Gracinda dos Anjos. Ambos dos Parrozelos. O seu pai era chapeleiro, “trabalhava na arte de compor os chapéus” e trabalhou ainda nos serviços florestais, na limpeza da floresta. A mãe foi sempre doméstica e trabalhou no campo. Das brincadeiras recorda a roda de andar ao lenço e as bonecas de trapos. Silvéria foi para a escola aos 7 anos e fez a quarta classe. Quando saiu ficou a trabalhar no campo até que, aos 26 anos, casa com o marido que conheceu nas idas à missa. Após o casamento foi morar para a Mourísia e teve três filhos, nascidos em casa, “com o auxílio de Deus”.

# Índice

Identificação Silvéria dos Anjos Nunes.....	4
Ascendência Abílio Nunes e Gracinda dos Anjos.....	4
Infância Uma infância difícil.....	5
Religião "Já tudo isso acabou".....	6
Educação "Não havia possibilidades de ir mais além".....	6
Namoro "No outro tempo era assim".....	6
Casamento Um casamento tradicional.....	7
Descendência "Com o auxílio de Deus".....	7
Costumes Costumes à mesa.....	8
Quotidiano A rotina.....	12
Avaliação A lição.....	12

## **Identificação *Silvéria dos Anjos Nunes***



**Silvéria dos Anjos Nunes**

O meu nome é Silvéria dos Anjos Nunes. Nasci a 23 de Agosto de 1945. Em Parrozelos.

### ***Ascendência Abílio Nunes e Gracinda dos Anjos***

O meu pai era Abílio Nunes, a minha mãe Gracinda dos Anjos. Eram dos Parrozelos.

O meu pai trabalhava na arte de compor os chapéus. Chamavam chapeleiro. Era a profissão dele. Andava de terra em terra a arranjar os chapéus. Estavam estragados. O vento escangalhava os chapéus e ele arranjava-os. Naquele tempo

partia-se um prato ou uma peça de louça em barro e ele metia-lhe gatos. Eram umas coisinhas de arame. Chamavam aquilo uns gatos. Tinham duas perninhas, faziam um furo na peça da loiça e punham aquilo. Chamava-se aquilo pegar a louça. Partia e colavam. Hoje utilizam a cola, mas naquele tempo era com aquilo que colavam a louça. Punham aqueles agraços na louça quando ela partia. Mas naquele tempo não chamavam agraços, eram gatos. Também trabalhou nos serviços florestais, na limpeza da floresta.

A minha mãe foi sempre doméstica. Sempre no campo. O trabalho do campo é cavar, sachar, plantar horta, semear batatas, semear feijão, couves. Naquele tempo tinham sempre animais. Cabras, ovelhas e, principalmente, porcos. Era a luta daquele tempo. Os animais era para fazerem parte da alimentação do dia-a-dia. Davam o leite e a criação, os cabritos. O leite até utiliza-se para fazer o queijo. Mesmo depois de fazer o queijo ainda se aproveita o leite, quem quer aproveitar.

## **Infância *Uma infância difícil***

Nas brincadeiras fazíamos a roda de andar ao lenço. Era uma roda e depois andava uma pessoa por fora com o lenço na mão.

- "Aqui vai o lenço, aqui fica o lenço."

Era a nossa maneira de brincar. Depois o lenço punha-o atrás da pessoa. Não dava conta, chegava lá com o lenço ainda lá estava no chão. Mandava para o meio da roda. Eram tempos divertidos. Lá passávamos o tempo como a gente podia. Mas não andávamos lá abraçados uns com os outros como agora andam. Normalmente era aquela maneira de a gente se entreter.

Para boneca chegava eu. No outro tempo eram só umas bonecas que se faziam de trapos. Eram as nossas bonecas. Havia lá agora brinquedos! Não havia brinquedos. Nem os meus filhos tiveram brinquedos. A vida de altos e baixos. Uns dias mais alegres outros dias mais tristes. Tudo faz parte da vida. Para mal dos meus pecados, andava na escola, já tinha que varrer a casa. Não é como agora. Era muito diferente. Era uma diferença como a noite do dia. Lá ia guardar o gado. Botava-se o gado para o campo. Lá ia para o pé dos animais. Tinham que ser vigiados.

## **Sempre a cuidar do pai**

Estive 26 anos na casa dos meus pais. Naquele tempo a casa era tudo preto do fumo. Uma casa sempre pobrezinha. Ainda hoje a minha casa é pobrezinha. Não era só naquele tempo. Mas vai-se vivendo. Eu fui o número 12. Só conheci

nove irmãos. Não foi fácil. A minha casa, onde eu me criei, eram só dois quartos para tanta gente. Claro, também não chegaram a estar ali os 12 filhos. Alguns faleceram. Eu fui a última. Mesmo na minha lembrança, já nem os nove lá estávamos. Mas depois acontece que a minha mãe faleceu. Eu tinha 8 anos. Fiquei eu, duas irmãs, dois irmãos e o meu pai. Os meus irmãos também saíram os dois. Os mais velhos tomaram conta deles. Uma irmã casou, e ficou a outra mais o meu pai. Ao fim éramos três pessoas praticamente. Depois, por fim, eu fiquei com o meu pai dez anos. Eu com ele só. Eu na altura que fiquei com o meu pai tinha 15 anos. Depois, o meu marido lá me conseguiu enganar e eu vim para a Mourísia. O meu pai ficou lá.

### **Religião "*Já tudo isso acabou*"**

A doutrina era diferente deste tempo agora. Aprendia-se a doutrina, aquelas orações. Era uma vizinha que nos ensinava lá na terra. Em Parrozelos. Fiz a Primeira Comunhão. No meu tempo não houve lá Profissão de Fé.

### **Educação "*Não havia possibilidades de ir mais além*"**

No meu tempo ia-se para a escola aos 7 anos. Andei lá quatro anos que a primeira não passei. Tenho só a terceira classe. Não fiz mais porque naquele tempo não havia direito a isso. Não havia possibilidades de ir mais além. A escola daquele tempo não era como hoje. Do meu ano ainda lá haviam uma meia dúzia de rapazes e raparigas, lá dos Parrozelos. A escola era na Moura. Não havia transportes. Ia-se sempre a pé. Estivesse a chover ou estivesse a nevar era sempre a pé. Dos Parrozelos para a Moura é meia horazita a andar bem. Já lá vai há tanto tempo. As professoras, isso para bater tinham jeito. Levei poucas. Para escrever havia, chamavam uma pedra. Era mesmo uma pedra. Com um lápis também em pedra.

Depois da escola fiquei a trabalhar no campo. Ir ao mato e à lenha.

### **Namoro "*No outro tempo era assim*"**

Eu e o meu marido éramos da mesma freguesia. Primeiro não éramos, mas depois como foi criada a freguesia na Moura nós íamos lá à missa. Foi ali que a gente se conheceu. Ele é da Mourísia. Os primeiros conhecimentos foram de quando se ia à missa. Coisas da vida. Calhou. Da Mourísia para os Parrozelos não é muito longe. Ele gastava uma hora para lá chegar, mas pronto era a pé.

Não havia carros. E era se queria. Ninguém o obrigava. Naquele tempo usava-se assim. Para pedir em namoro, primeiro falam à rapariga e depois vão pedi-la aos pais. No outro tempo era assim, agora... Eu não tinha quem me guardasse. Estava sozinha com o meu pai.



**Artur Castanheira João, marido de Silvéria**

### **Casamento *Um casamento tradicional***

Os preparativos para o casamento não é como agora. Gasta-se um balúrdio. O meu casamento fizemos em casa. O almoço foi na minha casa. Preparado lá pelas minhas irmãs, pelas vizinhas. A tradição da chanfana, arroz-doce e tigelada, já se comeu. E normalmente uma canja. Não quer dizer que não tivessem mais alguma coisa. Mas normalmente, naquele tempo, era a chanfana, os doces e já era bom.

Eu ia com um vestidito branco. Levei uns sapatitos. O meu marido levava um fato preto com uma riscazinha. Naquele tempo usava-se assim. Eu tinha 26 anos. Ainda vim bem a tempo de passar a minha cruz. Fui viver com a sogra durante 13 anos. Depois ela faleceu.

## **Descendência "Com o auxílio de Deus"**

Tive três filhos. Médico só em Côja ou a Arganil nas urgências. Os meus filhos nasceram todos em casa. A primeira foi tirada por um médico. Depois os outros ou com dor ou sem dor lá os tive. Nem nunca fui vigiada como agora vigiam. Lá nasceram com o auxílio de Deus. Foram à escola na Moura e depois em Côja. As filhas fizeram o segundo ano. O filho tem o nono. Estão em Lisboa.

## **Costumes *Costumes à mesa***

### **Festas religiosas**

Isso chamam Mourísia porque todas as terras têm que ter um nome. Calhou ficar esse nome.

A padroeira da Mourísia é a Senhora da Assunção. A festa é no terceiro domingo de Agosto. Agora, vem o padre dizer a missa e mais nada. No outro tempo ainda vinha a música, ainda saíam os santos pelas ruas, ainda faziam a procissão. Agora já tudo isso acabou. Antigamente era o dia 3 de Maio. Mas eu ainda não estava cá na Mourísia. Desde que eu cá estou é que tem sido em Agosto.

As capelas são a da Senhora da Assunção e a da Senhora de Lurdes. O padre vem todas as semanas. No outro tempo não havia quem o chamasse. Agora vem todas as semanas cá à Mourísia.

### **"Não andavam lá com a perna ao léu"**

As pessoas antigamente não tinham tanta roupa como agora. A saia era sempre por meia perna. Ou o vestido. Não andavam lá com a perna ao léu. Andavam sempre todas bem tapadinhas. Calças não havia. As pessoas andavam sempre com as roupas meias compridas. Sempre por meia perna. Naquele tempo quase que nem *collants* havia. No tempo que eu me criei havia lá bons *collants*. "Deus dá o frio conforme a roupa." Não é fácil. Tinham que se agasalhar como podiam. Andavam sempre com umas capuchas na cabeça. Até são jeitosas. Eram do tipo de umas capas. Só que tinham aquela parte para pôr na cabeça. Era feito de tecido.

Naquele tempo andávamos mais descalças que calçadas. E o calçado era, chamavam umas tamancas. Não eram fechados, era em aberto. Era em madeira.

Levava umas brochas. Umas coisinhas redondas. Eram espetadas no próprio pau para ter a vantagem de não escorregar. Era mais quente. Acontece que quando estava o tempo bom a gente sentia-se bem era descalço.

### **Queijo feito à mão**

Primeiro ordenha-se o leite, traz-se para casa e põe-se a amornar. Põe-se um pano na boca de uma panela e côa-se o leite. Hoje já utilizam o fermento da farmácia, mas naquele tempo era uma planta que dá o cardo. Punha-se-lhe um bocadinho daquele fermento, de cardo e punha-se o leite a coalhar. O leite coalhado é para fazer o queijo. Depois de estar aí 15 minutos, 20 minutos dá para fazer o queijo. Punha-se no acincho. Tenho as formas ainda. Põe-se dentro de um prato e depois mete-se a coalhada para dentro e faz-se. É feito à mão. No meu tempo era feito à mão.

### **Dia de festa**

O dia da matança do porco era um dia de festa. Era uma maravilha aquele tempo. Era bonito. Os porcos tinham-nos talvez até um ano na loja. O dia que matavam o porco, já se faziam os torresmos e comiam-se com batatas. Era aquela carne que hoje praticamente chamam entremeada. Naquele tempo era daquela carne que faziam os torresmos. O próprio sangue era cozido numa caldeira na lareira. Que não havia lá fogões. No outro tempo era só as lareiras e nem chaminé tinham. A gente cozinhava ali ao fumo. E havia saúde.

Matavam e lavavam até as tripas. Iam-se lavar à ribeira. Andavam ali as tripas dois ou três dias em sal, alhos e limão e lavavam-se bem lavadas. Migavam-se as carnes. Temperavam-se assim numas gamelas em madeira ou nuns alguidares. Temperavam-se aquelas carnes e fazia-se o enchido. Coisas que hoje já não utilizamos nada, mas naquele tempo era o governo do nosso dia-a-dia em casa. A carne do porco salgavam-na. Hoje põem na arca frigorífica, mas naquele tempo era salgada numa arca. Era os presuntos, aquelas partes das pernas e mesmo as das bandas, como lhe chamavam. Aquilo era tudo tratado com sal para comer durante o ano. Não era como agora que vamos ao talho, vamos aqui, vamos ali. Agora é uma vida moderna. Naquele tempo era uma vida muito amargurada, mas mais saudável que agora.

## O milho

Aqui há tempos semeava-se muito milho. Era cavar a terra. Depois, chamavam abrir o rego. Botava-se o milho por o campo fora. Tapava-se com a terra e ele lá nascia. Até o apanhar levava muita volta. Tinha que se desbastar, tinha que se sachar, tinha que se empalhar. E regar não sei quantas vezes. Depois quando ele estava maduro é que se apanhava. Mas o milho leva muito tempo a criar. Era bonito. Tudo cultivado. Agora está tudo cheio de silvas.

Desfolhar é tirar-lhe a bandeira. Umas vezes as pessoas juntavam-se, outras vezes cada qual fazia o seu. Quando aparecia o milho rei ia-se dar um abraço. Havia pessoas que eram muito envergonhadas, nem isso queriam ir fazer. Há pessoas que não queriam. Eram de tal maneira. Não era como hoje que andam sempre aos beijos.

O milho era debulhado e andava ao sol. Ao fim levava-se ao moinho para se moer a farinha. Era à ribeira. Hoje já há aqueles moinhos eléctricos em casa, mas no outro tempo não havia nada disso. Aqui na Mourísia até havia muitos. Talvez uma dúzia deles ou mais. Não dava para moerem duas pessoas ao mesmo tempo. Tinha que moer uma de noite outra de dia. Conforme o que o moinho despache. Se o moinho despacha bem até dá para moer para as duas pessoas durante o dia.

## Broa

Trazia-se a farinha. Era peneirada. Era amassada. Depois tinha ali umas duas horas a levedar. Punha-se-lhe o fermento para aquela farinha levedar. Depois o pão é tendido. Chama-se tender o pão. É pô-lo numa tigela. O pão vem redondo. Aquilo tem que ser ajeitado. Depois aquecia-se o forno bem quentinho, punha-se lá o pão. Os fornos também depende. Naquele tempo se possível fosse havia dois ou três só numa povoação. Hoje já há mais, mas naquele tempo havia poucos. Normalmente, mesmo quando eram só dois ou três fornos iam lá cozer os vizinhos todos. Naquele tempo toda a gente cozia pão. Não é como hoje. Graças a Deus ainda fiz isso muito ano. Mas agora também há mais de dez anos que eu não faço esse trabalho.

O forno tinha que se lá pôr lenha até ele ficar todo branco. Para cozer o pão tem que ficar branquinho por dentro. Depois era limpo. Até com uma espécie de uma vassoura. Limpava-se bem limpinho e depois acontece que, com uma pá, punha-se lá o pão a cozer. Podiam pôr lá dez, podiam pôr nove, podiam pôr 11 podiam até pôr 12, depende do tamanho. E do tamanho do forno também. Há fornos que são maiores há outros que são mais pequenos. Fica ali uma hora.

Depende do tamanho que tenha. Se é pequeno coze em menos tempo. Se é maior tem que estar mais tempo. Fica ali pãozinho que até estala. Se o cá apanhasse já o comia.

Na casa onde eu me criei chegou-se a cozer o pão à segunda-feira e ao sábado. Seis pessoas. Naquele tempo comia-se muito pão porque comiam o pão com todo o comer. Comiam pão com a sopa, comiam pão com as batatas. Comiam pão com tudo.

## **Chanfana**

A chanfana depende da maneira como a queiram fazer. Eu preparo a carne, ponho-lhe sal, ponho-lhe azeite, ponho-lhe vinho. Um bocadinho de colorau, umas folhas de louro e ponho-a num tacho. Eu até a tempero e ponho-a logo ao lume. A acompanhar, batatas cozidas. Fica sempre bem. Naquele tempo era no forno. Em caçarolas de barro. É melhor, mas hoje praticamente não utilizo nada disso.

## **Tradições**

Para mim o Natal é um dia como os outros. Antigamente não havia cá dias festejados. Era tudo mais pobrezinho e ainda aqui estamos hoje. Apesar de a coisa não estar fácil. Vai-se vivendo.

Queimar o gato era no São João. O gato era posto dentro de um cântaro na ponta de um pinheiro. Depois lançavam o lume ao pinheiro e o cântaro caía e o gato fugia. Era isso e por vezes levavam as flores para ao pé da fonte para enfeitar a fonte.

O magusto era assar as castanhas em cima no largo. Isso já lá vai tempo. Os vizinhos uns com os outros assavam ali as castanhas com a caruma e depois comiam ali. Comiam ali as castanhas, bebiam umas pingas, pronto. Era uma festa. Era um dia divertido.

## **Mudanças do tempo**

Na minha terra aconteceu eu ter de ir buscar a água para casa. Eu ia à água e depois trazia o cântaro à cabeça. Acontece, dava-se uma dor tão rija no pescoço que eu não aguentava. O cântaro lá ia para o chão. Para mal dos meus pecados parti muitos cântaros. Era assim a vida daquele tempo.

Por onde passa a água chama-se as levadas. Lá vai a água ter onde nós queremos. Está tudo adaptado assim. Temos um tanque. Tapa-se, o tanque enche e depois lá vai para o destino. A água, vamos supor, agora era minha, daqui a uma hora já era de outro. Era assim. Ou que a água fosse minha da parte da manhã até ao meio-dia. Da parte da tarde já era de outro vizinho. Isto já são umas coisas que vêm lá de herança. Já está assim orientado para regar agora um vizinho daqui a nada regar outro. Não é à balda. Cada qual tem o seu tempo.

Ainda hoje lavo a minha roupa toda à mão. Deus me dê saúde. Não tenho outros meios para a lavar. Foi sempre no tanque. É pequeno, mas também nem todas vamos lavar ao mesmo tempo. E também já nem toda a gente vem lavar. Além de sermos poucos. Já se têm juntado quatro ou cinco, mas é raro. Cada qual vai quando pode. Não é quando quer. No meu tempo usava-se o sabão para lavar. Agora já há os detergentes.

## **Quotidiano *A rotina***

Ainda não arranjei coragem para sair da Mourísia. Isto está cada dia mais fraquinho. Cada vez somos menos. Melhorar, era os vizinhos serem unidos uns com os outros. Para mim já era uma coisa bonita.

Tinha animais e ainda tenho. Tenho duas ovelhitas, umas galinhitas, uns coelhitos e chegam para agora. Praticamente é a carne que elas nos dão. Semear, semeiam-se umas batatas, uns feijões. Plantam-se umas cebolas, uns pimentos, tomate.

Hoje, com o pouco passo o tempo. Tratar dos animais, fazer a comida, lavar a roupa. Faço o que se pode.

## **Avaliação *A lição***

As pessoas sempre gostam de conhecer e ver o passado. São coisas da vida. Com certeza que vão aprender mais do que eu aprendia.